

Norma da Silva Lopes
Silvana Silva de Farias Araújo
Raquel Meister Ko. Freitag
(organizadoras)

A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia

Livro produzido pelo projeto VI Encontro de Sociolinguística
Apoio FAPESB – Edital 2/2016



SECRETARIA DE
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

BAHIA
GOVERNO DO ESTADO



Blucher

A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia

© 2016 Norma da Silva Lopes, Silvana Silva de Farias Araújo, Raquel Meister Ko. Freitag (organizadoras)
Editora Edgard Blucher Ltda.

Conselho editorial

Jarbas Vargas Nascimento

Luciana Nascimento

Lúcia Maria de Assis

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blucher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

A fala nordestina : entre a sociolinguística e a dialetologia
[livro eletrônico] / organização de Norma da Silva
Lopes, Silvana Silva de Farias Araújo, Raquel Meister Ko.
Freitag. – São Paulo : Blucher, 2016.
136 p. : PDF ; il. color

Livro produzido pelo projeto VI Encontro de
Sociolinguística
Apoio FAPESB – Edital 2/2016
Bibliografia
ISBN 978-85-803-9217-3 (e-book)
ISBN 978-85-803-9216-6 (impresso)

1. Língua portuguesa - Regionalismos – Brasil, Nordeste
2. Sociolinguística 3. Dialética I. Lopes, Norma da Silva. II.
Araújo, Silvana Silva de Farias. III. Freitag, Raquel Meister Ko.
IV. Encontro de Sociolinguística, 4.

17-0098

CDD 469.7

Índice para catálogo sistemático:
1. Língua portuguesa – Regionalismos – Brasil, Nordeste

Sobre os autores

Adelmileise de Oliveira Santos

Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe, participou do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID) e foi bolsista PIBIC CNPq no período 2015-2016.

Dayane Moreira Lemos

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia (2012). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (2010). Foi Bolsista CAPES de mestrado acadêmico. Membro do grupo de pesquisa Constituição, Variação e Mudança do/no Português Brasileiro, coordenado pelas professoras Eliana Pitombo e Norma Lúcia Fernandes de Almeida (UEFS), e do grupo de pesquisa Múltiplas linguagens: estudo, ensino e formação docente, coordenado pela professor Maria Lúcia de Castro (UNEB). Tem interesse na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: variação e mudança linguística; formação da língua portuguesa no Brasil; línguas em contato; português brasileiro; concordância nominal de número.

Jacyra Andrade Mota

Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora associada II, Universidade Federal da Bahia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Atua, principalmente, nas subáreas: Sociolinguística e Dialetoлогия. Projetos: Norma Linguística Culta no Brasil – NURC; Atlas Linguístico de Sergipe – ALS; Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (em andamento). Publicações relevantes (em coautoria): *Atlas Linguístico do Brasil*, vols. 1 e 2 (2014); *Atlas Linguístico de Sergipe* (1987); *A linguagem*

falada culta na cidade de Salvador. Materiais para seu estudo (v. I – Diálogos entre informante e documentador, 1994; v. II – Elocuções formais, 2006; v. III – Diálogos entre dois informantes, 2011).

Lúcia Maria de Jesus Parcero

Possui Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (2007), Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Bahia UFBA (1999), Especialização em Metodologia do Ensino Superior, pela Fundação de Ensino Superior de Pernambuco (1989) e graduação em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador (1963). Atualmente, é professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia, onde ministra disciplinas em cursos de graduação, pós-graduação (Lato sensu), pós-graduação (stricto sensu) do quadro do PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da área de Letras, com ênfase em Linguística e Língua Portuguesa. Atua principalmente nas subáreas de Teoria Linguística, Sociolinguística e Sintaxe gerativa. Desenvolve pesquisa sobre o português rural em comunidades afrodescendentes na região sisaleira, no semiárido baiano.

Marcela Moura Torres Paim

Professora Adjunta IV do Departamento de Letras Vernáculas e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. É coordenadora do Projeto CAPES-COFECUB 838/15. Participa do Projeto de pesquisa Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) como pesquisador e inquiridor auxiliar. Atua principalmente nos seguintes temas: Dialetologia, Sociolinguística, Atlas Linguísticos, Língua Portuguesa e Variação.

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda

Possui Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) (2002), Mestrado (2005) e Doutorado (2009) em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA, com estágio de doutoramento, financiado pela CAPES, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Centro Linguístico da Universidade de Lisboa. É coordenadora do Projeto *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (neiHD/UEFS). Pesquisadora do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR/UFBA) e coordenadora do projeto Banco Informatizado de Textos (BIT/PROHPOR/UFBA). Integrante da equipe baiana do

Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB/Ba). Possui experiência como docente na área de Letras, com ênfase na história da língua portuguesa, diversidade linguística, sintaxe, semântica, produção de texto e ensino de língua portuguesa. É Professor Adjunto Nível B, em regime de Dedicção Exclusiva, da UEFS.

Matheus Santos Oliveira

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana, com bolsa da CAPES, e graduado em Letras pela mesma universidade. Debruça-se sobre a pesquisa na área de Linguística Histórica. Coordena o curso de Leitura e Produção de Textos, no Programa Portal (Extensão universitária/UEFS). Possui experiência como professor de Língua Portuguesa no ensino médio das redes pública e privada e de professor de Linguística, na UEFS (*Campus* Lençóis – Formação de professores). Integra os projetos de pesquisa Programa para a História da Língua Portuguesa – PROHPOR (UFBA) e a equipe baiana do Programa Para a História do Português Brasileiro (PHPB-Ba), além do Tycho Brahe (Unicamp).

Norma Lucia Fernandes de Almeida

Possui doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2005), atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Linguística Histórica e Dialectologia, atuando principalmente nos seguintes temas: variação linguística, semi-árido – língua portuguesa – português brasileiro e mudança linguística. Membro do PROHPOR (Programa para a História do Português), criado por Rosa Virgínia Mattos e Silva e também do PHPB. Participou da comissão que implantou o mestrado em estudos linguísticos da UEFS. Foi coordenadora de Iniciação Científica da UEFS (2009-2012). Foi coordenadora de pesquisa da UEFS (2012-2015). Foi membro da câmara de assessoramento da áreas de Linguagens e Artes da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Atualmente é Vice-Reitora da UEFS (gestão 2015-2019).

Priscila Starline Estrela Tuy Batista

Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Integrante do Projeto *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Pesquisadora na área de Linguística como bolsista CAPES. Possui experiência na formação de banco de dados eletrônico.

Raquel Meister Ko. Freitag

É doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, é professora do Departamento de Letras Vernáculas do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq nível 2.

Ricardo Nascimento Abreu

Possui graduação em Letras Português Inglês (2000) e em Direito (2013) pela Universidade Tiradentes, Especialização em Linguística Textual pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2002), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS (2006), Mestrado em Direito Constitucional pela Universidade Federal de Sergipe (2016), Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (2011). Professor do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência na área de estudos da linguagem, com ênfase em Linguística Histórica e Direitos linguísticos e Direitos Humanos, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação em Direitos Humanos, História Social da Língua Portuguesa no Brasil e Políticas Linguísticas no Brasil e Direitos Linguísticos (Direitos dos grupos linguísticos e Direito das línguas). É membro pesquisador dos grupos de pesquisa: Epistemologia e Direito, Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e líder do Grupo de Estudos em Políticas Linguísticas – GEPOL/DLEV/UFS.

Silvana Silva de Farias Araujo

Professora Adjunta do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. É doutora em Língua e Cultura (2014), mestre em Letras e Linguística (2005), especialista em Língua Portuguesa: gramática (2000), além de licenciada em Letras Vernáculas (1999). Atua nos Programas de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e no Mestrado Profissional em Letras, ambos na UEFS. É Coordenadora do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Mestrado. É membro do grupo de pesquisa Constituição, Variação e Mudança do/no português (UEFS), atuando nas linhas de pesquisa Constituição Sócio-histórica do Português Brasileiro e Variação e Mudança no Português. Orienta, além de dissertações de mestrado, trabalhos de iniciação científica e monografias de final de curso de graduação e de especialização. Participa de projetos voltados à formação do português brasileiro, com estudos sobre contato entre línguas, variedades africanas do português e variedades linguísticas do semiárido baiano (comunidades rurais, urbanas e rurbanas). Desenvolve pesquisas na área da Sociolinguística, com destaque para variações morfossintáticas. É também

estudiosa das relações que envolvem o contato entre línguas, seja entre línguas diversas, seja entre dialetos, tendo estado na presidência da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares (ABECS) no biênio 2015-2017.

Silvana Soares Costa Ribeiro

Professora Associada II e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Participa do Projeto de pesquisa Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) como pesquisador, entrevistador e coordenador da Comissão de Informatização e Cartografia. Atua como pesquisador do Projeto NURC – Salvador, tendo sido bolsista de Iniciação Científica e de Aperfeiçoamento do Projeto durante Graduação e Pós-Graduação (Mestrado).

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

É Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde também realizou Estágio de Pós-Doutoramento em Linguística de *Corpus*. Professora Plena da UEFS, atua em programas de pós-graduação na UEFS e na UFBA. Integra diversos projetos na UEFS, UFBA, UNICAMP, além de integrar a Equipe do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), a Equipe do PHPB-Bahia (PHPB-BA), a do Banco de Dados do Programa Para a História do Português (BIT-Prohpor-UFBA). O foco central de sua pesquisa é o semiárido baiano, com publicações de entrevistas de diversas comunidades do interior da Bahia e diversas fontes históricas para o estudo do Português Brasileiro. Publicou dezenas de artigos e livros, em especial, a *Coleção Cartas Brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português*, pela UEFS Editora, em 2011. Tem produzido diversas pesquisas em Sociolinguística, Linguística Histórica, Sintaxe Diacrônica do Português Brasileiro, sobretudo em sua vertente popular, História da Cultura Escrita no Sertão Baiano, tendo se dedicado a formação de banco de dados que serviu para a elaboração de trabalhos de diversos pesquisadores. Coordena e participa de diversos projetos, com destaque para o *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS, www.uefs.br/cedohs). Participa do Núcleo de Pesquisa NELP. Atualmente, integra a Associação de Humanidades Digitais (<http://ah-dig.org>), entre diversas outras. Atua, ainda, nos cursos da Plataforma Freire e no UPT, tendo presidido a Comissão de Adesão ao Mestrado Profissional em Letras na UEFS.

Apresentação

Os termos “Português Brasileiro” ou “Português do Brasil” e a sua abreviatura “PB” já se tornaram um jargão no campo da Linguística. Esses termos passaram a ser utilizados desde que foram identificadas cientificamente particularidades na fala de brasileiros que não eram encontradas na fala de portugueses.¹ Atualmente, o termo vem sendo empregado para designar a variedade nacional brasileira em contraste com as variedades europeia e africanas do português.

Nesse sentido, embora seja inegável o valor dos estudos que revelam os traços identificadores da variedade brasileira, apontando semelhanças e diferenças em relação a outras variedades nacionais, é importante ter em mente que nenhuma língua é uniforme. Ao contrário, no interior do que se designa, por exemplo, “português brasileiro”, “português europeu” ou “português angolano”, há uma série de nuances motivadas por razões sociais, geográficas, históricas, situacionais, além das advindas do meio de expressão (oral ou escrito).

Em relação ao português brasileiro, o conhecimento de que há uma “diversidade na unidade” só foi possível graças ao trabalho minucioso de recolha de diferentes *corpora*, quer os mais impressionísticos, quer os constituídos com um rigor metodológico. Essas amostras permitiram a realização de estudos, sob diferentes perspectivas teóricas, que desvendaram as particularidades léxico-semânticas, fonético-fonológicas e morfossintáticas de determinadas subamostras do português brasileiro em seus mais diversos registros.

Dentre as diversas teorias que trouxeram a lume as faces do português brasileiro, merecem destaque a Sociolinguística e a Dialetoлогия, uma vez que ambas partem do princípio de que as línguas não são homogêneas e de que as pesquisas

1 Ressalta-se que, anteriormente, no início do século XIX, o Visconde de Pedra Branca, referiu-se à língua portuguesa falada no Brasil como “o dialeto brasileiro”.

devem se pautar não apenas em informações linguísticas, mas, de forma basilar, em informações sobre o contexto sócio-histórico-cultural e o geográfico, que, de certa maneira, moldam a fala dos utentes da língua.

Nessa perspectiva, sobressai a relevância dos estudos publicados neste livro, pois, dada as proporções continentais do Brasil e a imensa área do que se compreende por sua região Nordeste, é importante que sejam divulgados os resultados de estudos que tomam por base amostras constituídas nessa área, contribuindo para que venha a público o entendimento das características das múltiplas variedades que caracterizam a variedade brasileira na sudiversidade regional e sócio-histórico-política.

Este é um livro que focaliza a fala nordestina, considerando as contribuições dos dois principais modelos teórico-metodológicos que tratam da heterogeneidade linguística do português brasileiro – a Sociolinguística e a Dialetologia –, as quais têm como foco de estudo a descrição e a sistematização da heterogeneidade da língua. Esses dois ramos da Linguística diferenciam-se entre si por questões de prioridades, pois, enquanto, no primeiro, a ênfase está na explicação do funcionamento da língua em relação a fatores sociais e linguísticos, procurando explicitar as regras que levam à existência de variantes linguísticas; no segundo, busca-se descrever os limites espaciais entre formas variáveis de se usar os sistemas linguísticos. A partir do diálogo entre essas duas vertentes, tem se constatado o quanto que é complexo trabalhar com o conceito de isoglossas, haja vista que os dialetos podem se diferenciar entre si, não em relação à presença ou à ausência de uma variante, mas também devido a frequências diferenciadas de ocorrências.

Os sete capítulos que compõem esta coletânea, intitulada “A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia”, foram apresentados por participantes de mesas-redondas e debatidos por ocasião do VI *Encontro de Sociolinguística*, que ocorreu nos dias 29 e 30 de setembro de 2016, no *Campus I* da UNEB, cujo tema foi “O português do Nordeste: (para além das) fronteiras linguísticas”. Os textos propiciam a reflexão acerca de temas que explicitam a caracterização das variedades regionais e sociais do português brasileiro.

No capítulo 1, “*Pipa*” e “*amarelinha*” na área do “falar baiano” numa perspectiva diageracional, Silvana Soares Costa Ribeiro e Marcela Moura Torres Paim, da Universidade Federal da Bahia, investigam como a linguagem de indivíduos apresenta marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a sua identidade de faixa etária em inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, a partir da utilização do léxico. A análise dos inquéritos selecionados buscou estudar a produtividade das denominações para brinquedos e brincadeiras infantis no português falado no Brasil, na área do *Falar Baiano* (NASCENTES, 1953). O trabalho é fundamentado nos princípios da Dialetologia e apresenta um exemplário que contém os depoimentos de informantes do Projeto ALiB, por

meio do qual três aspectos são observados: (1) as questões atinentes à identidade social de faixa etária; (2) as escolhas de cada falante e (3) a sua relação com o léxico específico.

No capítulo 2, *Formas tratamentais no Semiárido Baiano: contribuições para uma configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro*, Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, Matheus Santos Oliveira e Dayane Moreira Lemos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, apresentam uma análise – de acordo com os princípios da Sociolinguística Quantitativa – das formas de tratamento, na posição de sujeito e de complemento, levantadas em amostras de fala do semiárido baiano, onde a língua portuguesa foi incorporando fatos linguísticos comuns em situações de contato entre línguas. Os resultados obtidos são similares aos resultados obtidos a partir das amostras (popular e culta) da zona urbana de Feira de Santana e revelam que o sistema de tratamento em questão, considerando-se a ampla preferência pela forma *você* e a ausência de casos de acusativo conservador *o/a*, é inovador. Além disso, constatou-se que, quando *tu* é empregado, mesmo na norma culta da zona urbana de Feira de Santana, o verbo segue o paradigma de 3ª pessoa.

No capítulo 3, *Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB*, Jacyra Mota, da Universidade Federal da Bahia, considera obrigatório iniciar a discussão sobre aspectos fônicos do Nordeste com a referência aos dois fatos linguísticos que, segundo Nascentes (1953 [1922]), estabelecem a distinção entre os falares do Norte e o do Sul, a saber, o timbre das vogais médias pretônicas e a entoação. Assim, a partir das cartas do ALiB, com dados das 25 capitais incluídas em sua rede de pontos, a autora traz resultados de pesquisas sobre esses aspectos, além de abordar também a predominância das realizações não palatalizadas para as consoantes dentoalveolares / t, d, l / diante da vogal alta [i] e das fricativas laríngeas para o rótico em coda silábica, interna ou externa; aspectos esses importantes para a caracterização da região Nordeste. Chamando a atenção para a existência de outros fatos documentados no *corpus* do ALiB, ainda não cartografados, como, por exemplo, a presença das variantes africadas palatais [tʃ, dʒ], depois de semivogal palatal ([j]), a autora ressalta, também, a possibilidade de se delinearem subáreas dialetais no Nordeste. Quanto à divisão entre falares do Norte e falares do Sul, os resultados assinalam, principalmente, as diferenças entoacionais.

No capítulo 4, *Fazenda Maracujá: as palavras fracas e as palavras fortes*, Lúcia Maria de Jesus Parcerro, da Universidade do Estado da Bahia, apresenta resultados de uma pesquisa realizada em uma comunidade afrodescendente, com ênfase no estudo das atitudes linguísticas. Assim, com base na concepção de que uma variante linguística carrega um conjunto de valores socioculturais, agregados

às formas linguísticas, foram observadas as crenças, as atitudes preconceituosas materializadas na linguagem, produzidas dentro e fora da comunidade, que, de certa forma, podem contribuir para a estigmatização daquela comunidade.

No capítulo 5, *Do presente para o passado: os caminhos da constituição do Banco de Dados do NELP/UEFS em busca da configuração sócio-histórica da língua portuguesa nos sertões baianos*, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, Norma Lucia Fernandes de Almeida, Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, Silvana Silva de Farias Araújo e Priscila Starline Estrela Tuy Batista, da Universidade Estadual de Feira de Santana, abordam a constituição do banco de dados do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), iniciado na década de 1990, tendo em vista a seguinte agenda de trabalho do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB): a constituição de *corpora* diacrônicos para estudo das vertentes popular e culta da língua. Discutem as especificidades dos textos orais – que consistem em gravações de fala de comunidades rurais do semiárido baiano e da área urbana de Feira de Santana – e de textos escritos, a maior parte documentação epistolar, de escreventes de baixa, média e alta escolaridade. São produtos, respectivamente, do projeto *A língua Portuguesa no Semi-árido Baiano* e *Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do português brasileiro*, que estudam o processo de formação histórica do português brasileiro, com amplo contato linguístico de populações de origem portuguesa, indígena e africana.

No capítulo 6, *Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares no Brasil*, Raquel Meister Ko. Freitag e Adelmileise de Oliveira Santos, da Universidade Federal de Sergipe, discutem o comportamento variável na realização de /t/ e /d/ (oclusiva ou africada pós-alveolar), o que sugere não só distinção dialetal, mas também distinção sócio-estilística. O estudo foi realizado no âmbito do projeto “Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil” (Universal CNPq 2013), no qual se busca contribuir para o desvelamento dos componentes cognitivo e ideológicos das atitudes linguísticas ante a variação das oclusivas [t, d] *versus* africadas [tʃ] e [dʒ] em Sergipe, por meio de teste de percepção do tipo *verbal guise*, que visa identificar atitudes inconscientes dos sujeitos em relação à língua. Ao ampliar as investigações para além do nível descritivo da Sociolinguística, adentrando nos domínios da maneira pela qual as atitudes e os julgamentos linguísticos afetam o processo de constituição da identidade pela língua e pelo discurso, o estudo pode contribuir para ações de planejamento linguístico de conscientização e respeito, bem como para propostas de ensino do português como língua materna ou como língua para estrangeiros, na medida em que propicia o contato com valores associados à língua.

No capítulo 7, *Um caminho para novas políticas linguísticas das variedades do português brasileiro*, Ricardo Nascimento Abreu, da Universidade Federal de Sergipe, destaca que, apesar do fortalecimento dos estudos em políticas linguísticas no Brasil, grande parte das pesquisas acadêmicas e das ações do poder público estão voltadas para a defesa das minorias linguísticas, compostas majoritariamente por falantes de línguas indígenas e de imigração. Por outro lado, apesar de serem abundantes os estudos sociolinguísticos que se debruçam sobre as questões das variedades do português brasileiro, ainda são escassas ou inexistentes as ações do Estado no sentido de elaboração de políticas que visem ao combate da discriminação intralinguística, bem como às discriminações por motivos étnicos ou de origem que se materializem através da estigmatização linguística. Assim, o autor discute uma agenda de tratamento para as variedades menos prestigiadas da língua portuguesa, com vistas ao seu reconhecimento estatal, adotando como pontos de partida as possibilidades hermenêuticas das normas constitucionais, bem como a política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística – INDL.

Diante da diversidade dos temas abordados no livro, consoante a aspectos lexicais, fônicos, morfossintáticos e sócio-históricos, além da diversidade teórica e das distintas filiações dos autores dos capítulos, esperamos contribuir para a avaliação sobre o que se sabe, até então, sobre o falar nordestino, registrando-o e colaborando para a realização de estudos futuros. Nesse sentido, as organizadoras ficarão muito satisfeitas se a leitura dos capítulos estimular a realização de novas pesquisas, não só sobre a área dialetal focalizada neste livro, mas a de regiões diversas, de modo que o entendimento sobre o português brasileiro seja enriquecido.

As organizadoras

Conteúdo

“Pipa” e “amarelinha” na área do “falar baiano” numa perspectiva diageracional	17
<i>Silvana Soares Costa Ribeiro, Marcela Moura Torres Paim</i>	
Formas tratamentais no semiárido baiano: contribuições para uma configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro	39
<i>Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, Matheus Santos Oliveira, Dayane Moreira Lemos</i>	
Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB.....	59
<i>Jacyra Mota</i>	
Fazenda Maracujá: as palavras fracas e as palavras fortes	75
<i>Lúcia Maria de Jesus Parceró</i>	
Do presente para o passado: os caminhos da constituição do banco de dados do NELP/UEFS em busca da configuração sócio-histórica da língua portuguesa nos sertões baianos	89
<i>Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, Norma Lucia Fernandes de Almeida, Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, Silvana Silva de Farias Araújo, Priscila Starline Estrela Tuy Batista</i>	

Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe	109
<i>Raquel Meister Ko. Freitag, Adelmileise de Oliveira Santos</i>	
Um caminho para novas políticas linguísticas das variedades do português brasileiro	123
<i>Ricardo Nascimento Abreu</i>	